

# A Grande Evasão

**D**epois da evasão de alunos, declara-se a evasão de professores, como a mais recente praga a afligir o ensino no Brasil. O que anda acontecendo no ensino do Rio é em tudo papel carbono do que ocorre em outras cidades: a cada dia, sete professores se retiram da rede municipal, em busca de melhor realização profissional. O que assola o ensino no Rio é a péssima manutenção dos prédios, o desinteresse dos alunos e os baixos salários dos professores.

O professor José Goldemberg, antigo reitor da USP e ex-ministro da Educação, toma o bonde do ano eleitoral e acusa diretamente os políticos por não darem prioridade à educação. De fato, em época de campanha política, fala-se de tudo, de segurança, emprego, habitação, raramente de ensino. No entanto, sem educação nada pode haver de bom para um país. No Brasil ela nunca mereceu prioridade eleitoral, embora a educação dos filhos seja uma aspiração profunda dos setores mais pobres da população.

Nos últimos tempos inverteu-se no Brasil a pirâmide. O grosso das verbas federais vai para o ensino superior, quando deveria fluir para o básico. O que precisa ser melhorada, diz o professor Goldemberg, é a escola pública. A maioria das crianças brasileiras vai para a escola, obedecendo ao preceito constitucional, mas não permanece nela.

Para melhorar o sistema educacional seria ne-

cessário gastar o dobro do que se gasta hoje — mas gastar bem. O atual ministro, Murílio Hingel, cansou-se de informar que o MEC gasta metade de seu orçamento apenas em aposentadorias, e, do jeito que vai, com professores se aposentando aos 49 anos e fazendo de novo concurso para reingressar no ensino, em breve não haverá mais verba para investimento e custeio. Tudo se escoará na folha de pagamento.

É uma ciranda louca que ameaça as próprias raízes da nacionalidade. Quando, em meados do ano passado, o ministro viajou à China para participar de uma reunião de ministros do México, Nigéria, Egito, Indonésia, Índia, Paquistão e Bangladesh, sentiu-se na situação constrangedora de representar o único país que não tinha plano educacional para os anos 90.

O ensino brasileiro é um barco que faz água por todos os lados. Pesquisas mostram que a extraordinária repetência, que acaba tirando os alunos das escolas, deve-se não apenas aos alunos, mas também à incompetência dos professores, despreparados para a realidade do ensino brasileiro. Num período de quatro anos, na rede estadual do Rio, os alunos perderam um ano de aula devido às greves selvagens dos professores. Quatro quintos das crianças não completam o 1º grau. E assim por diante. A educação pública é a grande vergonha nacional. Entra governo e sai governo, o barco continua afundando.